

Boletim Número 28

Data: Janeiro-Fevereiro/2005

EDITORIAL

O vigésimo oitavo número do Boletim PROEALC é o primeiro número do ano de 2005, que se inicia. Nessa edição apresentamos diversos artigos que apresentam não apenas alguns dos fatos que marcaram os meses de janeiro e fevereiro, como também novos autores-membros da nossa equipe, que nesse ano foi acrescida por estudantes do departamento de filosofia da UERJ, garantindo a interdisciplinaridade que caracteriza o nosso Programa. Uma das matérias que compõem a publicação foi abordada em diversos países e não apenas da América Latina e revela a gravidade histórica da questão agrária no Brasil. O assassinato da missionária Dorothy Stang, nascida nos Estados Unidos e naturalizada no Brasil, que atuava junto às populações rurais e extrativistas, defendendo um modelo de desenvolvimento sustentável para a Amazônia revelou mais uma vez no plano internacional o patamar crítico da intolerância dos latifundiários brasileiros. Em meados da primeira década do século XXI o Brasil dá mostras do preço que vem sendo pago pela omissão histórica do Estado na resolução da questão agrária.

Também não podia faltar nessa edição uma análise do Fórum Social Mundial, que em sua 5ª edição voltou a ser realizado no Brasil, em Porto Alegre, berço do seu nascimento. O esgotamento, bem como o potencial desse Fórum tem sido tema de diversas reflexões de intelectuais que se indagam sobre os rumos desse evento que tem se caracterizado cada vez mais como um espaço privilegiado de Organizações Não Governamentais, nacionais e internacionais. Escrito por uma pesquisadora de nossa equipe que esteve presente no FSM o artigo revela a opinião de uma jovem participante que construiu seus questionamentos a partir da experiência vivenciada. Finalizando essa edição apresentamos mais um artigo sobre uma figura especialmente relevante para nossa América Latina, ou seja, o presidente da Venezuela, Hugo Chávez. Tido hoje como principal liderança da esquerda latino-americana Chávez não decepcionou aos que estiveram no FSM e manteve acesa a chama da esperança no coração daqueles que acreditam que resistir é uma obrigação dos que estão descontentes com os custos sociais que nossa América Latina tem pago na implementação da agenda neoliberal.

Completando mais essa edição divulgamos alguns eventos que estarão ocorrendo esse ano tendo como área de reflexão temática ligada à América Latina. Por fim aproveitamos esse início de 2005 para desejar a todos os nossos leitores um ano de muita reflexão e mobilização por dias melhores. Atravessamos hoje, especialmente no Brasil, um momento de crise das Universidades Públicas, pólo fundamental da produção do conhecimento crítico em nosso país. Estamos assistindo a um assustador sucateamento das Universidades Públicas brasileiras, instituições cuja importância não se resume ao país mais a toda América Latina. Tal situação revela a vocação privatizante do Governo Lula, que nos surpreende negativamente mais uma vez. Mergulhados nesse pessimismo lembramos a necessidade de resgatarmos o pensamento do filósofo marxista Antonio Gramsci ao mencionar que o pessimismo da razão deve guiar o otimismo da vontade daqueles que desejam transformar o mundo. Imbuídos desse sentimento inauguramos mais um ano no PROEALC.

Silene de Moraes Freire

Em Foco I

Conflitos Sociais no Brasil: violência e morte no Pará e a tragédia dos sem-teto em Goiânia

*Vladimir Lacerda Santafé**

O estado do Pará, situado na região norte do Brasil, está sendo assolado por confrontos agrários motivados pelas disputas que envolvem a luta pela terra, de um lado as organizações camponesas que almejam a distribuição das terras concentradas pelo latifúndio, de outro, a organização de milícias empreendidas pelos fazendeiros que querem manter suas propriedades.

Tais confrontos envolvem inúmeros casos de assassinatos praticados pelos grupos de extermínio patrocinados pelos latifundiários, trabalho escravo, exploração sexual de crianças e adolescentes, crimes ambientais, grilagem de terras públicas; além dos ocorridos nas instâncias judiciais, onde os atores dos confrontos existentes disputam o direito à regularização das terras em questão. Segundo um levantamento da Comissão Pastoral da Terra (CPT), o estado do Pará lidera a estatística nacional da impunidade e de crimes no campo, de 1971 a 2002, foram assassinadas 726 pessoas em disputas agrárias neste estado. Lembrando que, de todos esses crimes, houve apenas cinco julgamentos e apenas sete condenações de mandantes e executores.

Entidades que apóiam a luta pela terra no estado do Pará convocaram o Tribunal do Latifúndio, um julgamento simbólico que condena a morosidade do judiciário perante os casos que envolvem a luta pela posse da terra, em todos esses anos de disputa, apenas 7 (sete) processos chegaram ao TJE, onde estão paralisadas, e em quatro, nenhum dos crimes foi denunciado pelo Ministério Público. O restante, devido à “falta de provas”, foi arquivado pela Polícia Civil. Já estão em vigor 7 (sete) das 8 (oito) medidas ambientais (seis decretos, uma medida provisória e um projeto de lei) anunciadas pelo governo federal para conter os conflitos agrários na região norte e a exploração irregular de florestas, faltando o projeto de lei que dispõe sobre a gestão de florestas públicas, estabelecendo regras para o uso sustentável dos recursos naturais.

Além disso, há um projeto que prevê a distribuição de 150 mil hectares de terras aos camponeses, em forma de pequenas propriedades rurais, só no município de Anapu. No entanto, devido à corrupção dos órgãos públicos, ao estímulo do agro-negócio na região em detrimento da distribuição das terras e à preservação do meio-ambiente, assim como à influência e poder político-econômico dos latifundiários nas instâncias responsáveis pela regularização das terras em disputa, nada foi feito, concretamente, para transformar a realidade social do Pará.

O assassinato da missionária Dorothy Stang, nascida nos Estados Unidos e naturalizada no Brasil, que atuava junto às populações rurais e extrativistas, defendendo um modelo de desenvolvimento sustentável para a Amazônia, mobilizou a organização de 38 (trinta e oito) entidades da sociedade civil nacional e internacional, endereçando uma carta ao Presidente Luís Inácio Lula da Silva, reivindicando que o governo não só assuma a responsabilidade pela apuração e punição dos culpados pelo assassinato, como também adote medidas urgentes para pôr fim aos conflitos agrários no Pará. Em seu governo, 125 lideranças e integrantes do movimento social foram assassinados, sendo 40% deles em território paraense.

Outro episódio trágico da atuação do poder público contra os movimentos sociais foi à desapropriação de 4.000 famílias que, desde maio de 2004, ocupavam uma grande área no setor Parque Oeste Industrial, em Goiânia, capital do estado de Goiás, situado na região centro-oeste do país. O estado patrocinou a maior operação policial já registrada em sua história, 2.000 soldados da PM. Houveram duas mortes, fora os espancamentos, incluindo o de mulheres e crianças, de dezenas de ocupantes, 800 trabalhadores foram detidos, e corre-se a suspeita de que alguns corpos foram jogados em cisternas, soterrados pelas máquinas utilizadas no despejo.

A área ocupada estava há 30 anos abandonada e deve ao erário público, em impostos, mais de três milhões de reais. No entanto, os meios de comunicação e setores da indústria, do ramo imobiliário, do comércio, da agricultura e da pecuária, publicaram que “a ordem restabelecida é o compromisso do país com a democracia

e o respeito à lei”, concluindo que “a sociedade goiana respira aliviada com a retirada dos invasores, pois agora tem certeza de que o Estado garante a lei”.

Hoje a situação dos desabrigados é calamitante, com a perda de suas casas e de seus bens, muitos só contam a roupa do corpo. Seu alojamento foi feito em dois ginásios de Goiânia, situados no bairro Capuava e no Novo Horizonte, alguns não saem com receio da polícia, e devido ao calor intenso dos últimos dias, há vários casos de enfermidades, os mais atingidos são as crianças. Atualmente vivem em condições desumanas, com alimentação precária, sem moradia e expectativas de um futuro melhor.

*Graduando de Filosofia/IFCH/Bolsista/Pesquisador/PROEALC/UERJ

Em Foco II

Um outro mundo é necessário

*Debora de Castro da Rocha**

Porto Alegre foi sede da 5ª edição do Fórum Social Mundial, que aconteceu de 26 a 31 de janeiro, tendo como tema Um outro mundo é possível. O Fórum Social nasceu com o objetivo de ser um espaço para a discussão e construção de uma alternativa para os problemas sociais, ecológicos, econômicos e políticos dos dias de hoje e acontece desde a sua primeira edição no mesmo período do encontro de Davos, que é o encontro de potências econômicas e financeiras, e que, para os organizadores do Fórum Social, é o encontro dos ricos e dos poderosos, portanto, o Fórum Social Mundial apresenta-se como um contraponto.

Durante uma semana, foram questionados os rumos da sociedade contemporânea e da política em geral. Também serviu como um grande encontro de organizações ligadas à área social e de importantes chefes de Estado. Tais possibilidades de encontros atraíram pessoas de várias partes do globo a Porto Alegre, seja para participar de alguma discussão de nível político-social, quanto para divulgar sua cultura ou causa de protesto.

O fórum se dividiu em diversos centros de convenção, cada qual com um foco pré-determinado, visando organizar todas as palestras e temas. Neste fórum não passou em branco também a participação de palestrantes de grande visibilidade, como o escritor português Saramago e chefes políticos de peso, como o presidente Lula e o presidente da Venezuela Hugo Chávez.

O evento teve início com uma grande marcha pelas ruas do centro da cidade, onde se reuniram todas as ONG's, forças políticas e partidárias presentes no fórum. No dia seguinte, deu-se início as palestras e oficinas que aconteciam paralelamente em diversas partes da cidade, estendendo-se até dia 30, sendo finalizada dia 31, com outra marcha pela cidade. Outras atrações do Fórum foram os diversos shows, como a performance do ministro Gilberto Gil na abertura, e apresentações culturais, que aconteceram em diversos palcos durante o evento. Centenas de pessoas estiveram presentes, grande parte se alojando no Acampamento da Juventude, que também teve a sua programação política e cultural própria.

Muitas críticas são pertinentes ao evento; uma delas é o fato da estrutura oficial do Fórum privilegiarem as ONGs (ao todo 6.500) nacionais e internacionais, que, quanto à proposta de um novo mundo, tem um papel limitado, dúbio e perigoso, já que, muitas vezes defendem interesses privados ou são simples organizações assistencialistas. Outro problema foi à desorganização em relação aos horários e localização dos eventos, que acabou atrapalhando muito os participantes. Porém, o mais grave foi que nenhuma medida concreta e palpável foi estabelecida para chegar ao objetivo inicial do Fórum, que era "a possibilidade de um novo mundo", já que nenhuma unidade política de luta foi estabelecida, resumindo o Fórum a apenas um espaço de discussão. Quem esteve em Porto Alegre não pôde deixar de notar o calor excessivo; e, para aqueles que estiveram no Acampamento da Juventude, os diversos casos de violência, relacionados a furtos, brigas e abuso sexual,

acabaram se tornando algo corriqueiro e triste de se ver em um espaço que almeja ser um espaço de construção de um mundo melhor.

Durante a visita do presidente Hugo Chávez a cidade, foi anunciado que o próximo Fórum Social Mundial terá como sede à Venezuela - que atualmente está enfrentando uma fase política histórica, polêmica e interessante - porém sendo descentralizado.

E diante o mundo de hoje, que visivelmente enfrenta uma crise política, social e até mesmo existencial, podemos acrescentar algo ao objetivo do Fórum e dizer que "um outro mundo é possível", urgente e necessário.

*Graduanda de Filosofia/IFCH/Bolsista/Pesquisadora/PROEALC/UERJ

Espaço Aberto

Chávez no FSM e a Venezuela hoje

*Marcus Vinicius da Silva Paes**

Mais uma vez o presidente venezuelano Hugo Chávez demonstrou para o mundo ser a liderança sul-americana que os setores mais oprimidos da sociedade esperam para falar por elas, diferentemente do jogo de demagogia buscado por Lula na maioria (se não em todos) dos seus discursos. Na sua fala dentro do Fórum Social Mundial, realizado em fevereiro de 2005 no Rio Grande do Sul, Chávez atacou ferozmente as forças imperialistas, disse buscar combater os órgãos de amarra econômica existentes no mundo e chegou a evocar a lembrança de líderes revolucionários históricos como Mao Tse Tung e Che Guevara, além de sugerir a todos os presentes a leitura de "A hora dos povos", livro de Juan Domingo Perón.

"Todos os imperialismos são bestiais. Não existe imperialismo bom ou mal, todos os imperialismos são bestiais". Com essa frase, Chávez dava desde o início o tom que regeria todo seu discurso dentro do Fórum. Fez um pequeno flash-back de sua recente trajetória de lutas contra as forças neoliberais em seu país, culminando com sucessivas tentativas de golpe, e mais recentemente até mesmo levantamento de ameaças a sua integridade física.

Chávez voltou também a defender ferozmente a necessidade urgente das lideranças sul-americanas em buscar uma maior integração em todos os campos. Vale ressaltar que nos últimos meses o presidente venezuelano conseguiu um acordo que permitirá o lançamento conjunto de um satélite com a China, apoiou abertamente Cuba diante do aperto do embargo econômico à ilha e ainda fechou acordos com os países vizinhos, inclusive o Brasil, para intensificar as atividades relacionadas à extração de petróleo, principal fonte de riqueza daquele país.

Fora dos palcos onde discursou, Chávez ainda encontrou tempo e disposição para, acompanhado de grande levante popular, visitar um acampamento de sem-terra nos pampas gaúchos, ressaltando a todo momento a mais que necessária reforma agrária, para ele já absurdamente atrasada num país como o Brasil.

No mais, o Fórum Social Mundial só veio reforçar o papel atuante e de principal liderança esquerdista latino americana exercida por Hugo Chávez. Enquanto ele arrancava em solo brasileiro, calorosos aplausos da massa, Lula, durante o Fórum Econômico de Davos, na Suíça, apenas arrancava elogios de acionistas do Citybank, um dos maiores credores do Brasil.

Todo esse distanciamento do caloroso discurso revolucionário de Chávez feito pelo presidente Lula, no entanto, assim como as falas comedidas e apaziguadoras deste, pode ter uma explicação plausível. E ela vem do sociólogo argentino Atílio Borón, secretário executivo do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clacso), que esteve no Brasil no final de 2004 e deu seu parecer à cerca da situação atual da Venezuela.

Para ele, o que irá salvar o continente sul americano será a retaliação única e definitiva do governo brasileiro as imposições neoliberais, aliado à aglomeração de forças dos países que vêem atualmente lideranças esquerdistas assumirem o poder, como é o caso não só dos dois países em questão, mas também da própria Argentina, Chile e Uruguai. E é aí que entra a questão venezuelana.

Por mais que se insista em afirmar a voz revolucionária de Chávez perante o marasmo político que se estabeleceu por décadas no continente, muitos são os que afirmam que tudo não passa de um exagero da mídia, patrocinado principalmente pelas esquerdas mais radicais. Atualmente, Hugo Chávez recebe pesadas críticas pelo acordo assinado com a multinacional norte americana Chavron Texaco, para intensificação na prospecção petrolífera em solo venezuelano. Muito além dessa discussão quanto à liderança ou não de Chávez, Lula ou qualquer outro presidente, Borón afirma que o diferencial do continente é a proporção do levante popular que se instaurou na Venezuela. O sociólogo para reforçar sua tese usa uma frase extraída de um diálogo com o próprio presidente venezuelano: “essa gente não volta mais atrás”.

Ele se refere ao grau de conscientização que adquiriu o povo venezuelano, desde que Hugo Chávez assumiu o poder e iniciou o que chama de Revolução Bolivariana. Nesse projeto o então presidente deu a cerca de 20% do povo até então indigente uma identidade, instaurou uma nova constituição com ampla relevância pra os campos sociais e assim deu voz ativa a uma grande parcela até então completamente excluída de qualquer atividade política, e que hoje começa a respirar os ares da democracia. Além disso, instaurou plano de assistência médica semelhante ao médico de família, de criação cubana e experimentado com sucesso no Brasil, e alfabetizou cerca de 10% da população que até então mal poderia assinar seu nome.

A vitória no referendo de 2003, onde a grande massa Venezuela mostrou estar junto de seu líder só veio a reforçar a força adquirida por aquele povo. Em Outubro último Chávez obteve nas eleições regionais mais de 80% de candidatos alinhados com seu governo. Por tudo isso e muito mais, a Venezuela é hoje a grande pedra no sapato dos EUA e da política neo-imperialista de George W. Bush. A sucessão de tentativas de golpe realizadas vem ratificar isso.

Atílio Borón acha que é exatamente esse embate direto ocorrido entre Caracas e Washington que justifica a falta de alinhamento político direto entre Lula e Chávez. Muito mais pressionado pelos órgãos financeiros internacionais, o Brasil tem receio de romper radicalmente com a política dos EUA, e acaba se mantendo em jogo duplo entre o capital norte americano e união de forças que os povos latino americanos cada vez mais exigem entre os países do cone sul.

Afinal, não se torna difícil notar que hoje a Venezuela é um grande barril de pólvora que a qualquer momento pode explodir, detonado pela pressão do governo de Washington. Mais do que isso: é possível afirmar que essa explosão só não se deu ainda porque Chávez, enquanto excelente articulador político e grande orador para as massas, consegue congrega e trazer para si as maiores parcelas da população venezuelana, causando até mesmo certa inveja da plebe de seus vizinhos. No entanto, cada vez mais o cerco ao líder se intensifica, e se torna cada vez mais imprescindível uma forte aliança entre os principais países atualmente do bloco sul-americano: Brasil, Argentina, Uruguai e Venezuela.

*Graduando da FSS/CCS/Bolsista/Pesquisador/PROEALC/UERJ

Expediente**Reitor**

Prof^o Nival Nunes de Almeida

Vice-reitor

Prof^o Ronaldo Martins Lauria

Sub-reitor de Graduação

Prof^a Raquel Marques Villardi

Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa

Prof^a Albanita Viana de Oliveira

Sub-reitor de Extensão e Cultura

Prof^a Maria Georgina Muniz Washington

Diretora do Centro de Ciências Sociais

Prof^a Rosângela Martins Alcântara Zagaglia

Coordenadora do PROEALC

Prof^a Dra. Silene de Moraes Freire

Editora Responsável

Prof^a Dra. Silene de Moraes Freire

Assistente Editorial

Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)

Coordenação de Produção

Bruno Jorge de Oliveira Pedreira

(PROEALC/CCS/UERJ), Talita Freire Moreira (PROEALC/FSS/UERJ), Verônica Massari Calvente (PROEALC/FSS/UERJ), Renata Mena Brasil Couto (PROEALC/FSS/UERJ).

Colaboradores

Marcus Vinicius da Silva Paes (PROEALC/FSS/UERJ)

Debora de Castro da Rocha (PROEALC/IFCH/UERJ)

Vladimir Lacerda Santafé (PROEALC/IFCH/UERJ)

Projeto Gráfico

Érica Fidelis (NAPE/DEPEXT/UERJ)

Diagramação

Bruno Jorge de Oliveira Pedreira

(PROEALC/CCS/UERJ)

Revisão

Bruno Jorge de Oliveira Pedreira

(PROEALC/CCS/UERJ)